

Febraban sai dos bastidores para enfrentar novo cenário do setor

Entidade tenta se reaproximar do público enquanto fintechs acirram competição

Por Talita Moreira, Álvaro Campos e Lucinda Pinto — De São Paulo
08/10/2021 05h02 Atualizado há 2 horas

Raio X

Quem é a Febraban

Fundação

1967

Associados

119 instituições financeiras

Participação de mercado

98%

dos ativos bancários

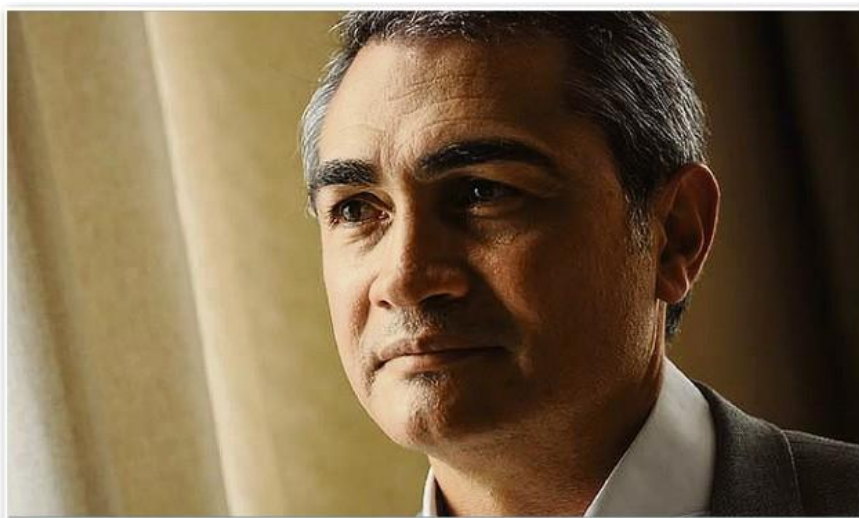


Conselho diretor

Representantes de 18 bancos; presidido por Pedro Moreira Salles, do Itaú Unibanco

Diretoria-executiva

Representantes de 15 bancos, da ABBC, da Acrefi e da ABBI



CLAUDIO BELLIVOLOR

Isaac Sidney, presidente da Febraban desde março do ano passado

A Federação Brasileira de Bancos (Febraban) deixou de lado sua habitual discrição e foi para os holofotes nos últimos meses. No episódio mais recente, deflagrou pelas redes sociais um debate com a Zetta, associação de fintechs de peso, como Nubank e Mercado Pago. Semanas antes, ganhou as manchetes por causa da adesão a um manifesto que pregava a pacificação entre os Poderes, num recado claro ao tom beligerante que o presidente Jair Bolsonaro vinha adotando.

Esses são os casos mais visíveis, mas a mudança de postura vai muito além. Passa também por uma agenda frequente de divulgação de pesquisas - em alguns casos, sobre temas que não se restringem ao setor financeiro - e pela realização de eventos.

O novo comportamento é reflexo de um setor que se vê diante de uma competição inédita e de uma profunda transformação tecnológica. Com produtos ágeis e comunicação simples, as fintechs atraíram milhões de clientes surfando em uma imagem mais amigável que a de um banco tradicional, ainda que na prática tenham uma oferta mais limitada de produtos e serviços.

A postura mais assertiva ganhou força na gestão de Isaac Sidney, eleito presidente da Febraban em março do ano passado. Advogado e ex-diretor do Banco Central, o executivo vem adotando uma postura bem mais firme nos últimos meses. Murilo Portugal, seu antecessor, era mais retraído, embora não deixasse de fazer chegar suas mensagens a quem precisasse.

Os próprios presidentes de bancos vêm adotando uma postura mais vocal. Meses atrás, num evento da Febraban, os dirigentes das maiores instituições financeiras do país fizeram duras críticas ao que consideram “assimetrias regulatórias” entre bancos e fintechs.

Críticas abertas ao governo são mais raras, embora haja nos bastidores um evidente descontentamento do setor com a gestão de Jair Bolsonaro. Por isso mesmo, causou surpresa, em agosto, a participação da Febraban na organização de um manifesto encabeçado pela Fiesp. A entidade dos bancos acabou desistindo de assinar o documento após uma ruidosa polêmica com a Caixa e o Banco do Brasil, que ameaçaram se desfiliar se o assunto fosse adiante. No entanto, divulgou nota reiterando o teor do manifesto.

O episódio em si já marcou uma diferença enorme em relação à tradição de não bater de frente com o poder político em público - os embates sempre existiram, mas costumavam ficar restritos aos bastidores. O difícil relacionamento com o governo atual contribuiu para trazer as divergências à tona, na leitura de um executivo do setor. O ministro da Economia, Paulo Guedes, chegou a chamar a Febraban de “casa de lobby” em uma ocasião.

Política à parte, os novos tempos impuseram ao setor a necessidade de se comunicar melhor. Bancos não são costumam ser queridos em nenhum lugar do mundo, mas, no Brasil, uma combinação de lucros bilionários, juros altos e dificuldades no acesso a crédito torna essa imagem ainda pior. Diante disso, a movimentação da Febraban também se dá no sentido de adotar uma postura mais amigável, se aproximar da sociedade e tentar explicar melhor como funciona um banco - algo que o setor nunca se preocupou efetivamente em fazer antes de haver mais competição.

Procurada, a Febraban afirmou, por meio de nota, que já há algum tempo iniciou um processo de inflexão em sua comunicação para aumentar seu diálogo com a sociedade, dentro do novo cenário em que o setor está inserido, mas lembrou que intensificou esse processo do ano passado para cá. “A Febraban continuará com uma postura determinada de esclarecer informações distorcidas e meias-verdades sobre o setor. No caso das assimetrias, a atuação da Febraban é para que elas não sejam desmedidas, o que pode distorcer a competição e dar uma sinalização errada aos agentes econômicos, com potencial de fragilizar a indústria e o consumidor”, disse.

Desde que o Banco Central iniciou a abertura do mercado de meio de pagamentos, há uma década, a Febraban tem perdido algumas quedas de braço. A própria regulamentação da lei que abriu caminho para novos participantes nesse mercado teria contrariado o desejo dos bancos, embora eles próprios tenham cobrado do BC uma norma que organizasse o setor.

Fontes do mercado financeiro ouvidas pelo **Valor** veem em algumas das inovações promovidas pelo BC nos últimos anos uma atitude abertamente favorável às fintechs. No entanto,

ponderam que o regulador tende a manter conservadorismo pela segurança do setor e reconhecem que a maior abertura gerou efeitos positivos no mercado.

Um ponto essencial nessa discussão é a consulta pública 78, que deve alterar o tratamento prudencial de conglomerados liderados por instituições de pagamentos - casos de Stone, PagSeguro e Nubank. A proposta, ainda não regulamentada, ampliará, na prática, as exigências de capital para as instituições de pagamentos maiores e com atividades mais complexas.

O BC concluiu a consulta em janeiro, mas passados quase nove meses ainda não editou as regras, o que é um prazo incomumente grande. O volume de propostas recebidas foi muito grande e a análise dessas alterações, no entanto, justificariam a demora.

Representes dos grandes bancos dizem que a consulta pública 78 vai no caminho certo, mas não resolve todos os problemas. Por outro lado, algumas fintechs que já constituíram conglomerados apontam que elevar as exigências de capital, sendo que elas ainda assim não podem conceder empréstimos de longo prazo, é injusto. “Vai elevar o custo do capital sem ter elevação de risco. Não faz sentido”, diz um executivo.

Na visão da Febraban, não há barreira de caráter regulatório que impeça a entrada de novos competidores, sejam bancos ou fintechs, no setor. “Os que quiserem vir e se submeter à nossa regulação serão sempre bem-vindos”, afirmou em um posicionamento recente.

No entanto, um interlocutor ligado às fintechs observa que hoje são poucas novatas que teriam o patrimônio necessário para solicitar uma licença de banco. “O BC criou as figuras das instituições de pagamento e das licenças de fintechs (SCD e SEP) para estimular a competição. Agora que algumas cresceram, os bancos querem uma regulação mais forte. Então o estímulo era só para ter competidores pequenos, meia-boca?”, opina.

Contra o argumento de que poucos grandes bancos concentram quase 80% do mercado de crédito, a Febraban ressalta que concentração não significa falta de competição e diz que as duas métricas utilizadas pelo BC para calcular a concentração vem apresentando quedas consistentes desde 2017. “A concentração nas operações de crédito não é uma especificidade da economia brasileira. Como atividade intensiva em capital e de custos elevados, os ganhos de escala são importantes para rentabilizar estas operações, ou seja, há uma tendência à concentração”.
